

# OS DESAFIOS DO ENSINO DE LÍNGUA INGLESA EM TEMPOS DE PANDEMIA

## THE CHALLENGES OF ENGLISH LANGUAGE TEACHING IN TIMES OF PANDEMIC

Paulo Lacerda Neto **1**  
Roberta Pasqualli **2**

**Resumo:** Com a pandemia, os professores foram forçados a rever suas concepções de ensino, criando alternativas que dessem conta de uma nova forma de ensinar e, também, aprender. Sendo assim, este texto tem como objetivo apresentar e analisar o relato de experiência de um professor da Língua Inglesa em uma escola de idiomas, no município de Xanxerê, Santa Catarina, acerca dos desafios inerentes às novas formas de ensinar. Classifica-se este texto como uma pesquisa como descritiva, de abordagem qualitativa que fez uso de referenciais teóricos, análise documental e coleta de dados empíricos por meio de relato de experiência. Como resultados, aponta-se que foi necessário uma quebra de paradigmas para que, por meio das ações dos docentes, se garantisse a não estagnação do processo educacional como um todo, já que a pandemia veio subitamente sem que houvesse tempo hábil para planejamento de conteúdos e metodologias baseadas em modelos já consolidados.

**Palavras-Chave:** Ensino de Língua Inglesa. Prática Docente. Covid-19.

**Abstract:** With the pandemic, teachers were forced to review their conceptions of teaching, creating alternatives that could account for a new way of teaching and also learning. Thus, this text aims to present and analyze the experience report of an English language teacher in a language school in the city of Xanxerê, Santa Catarina, about the challenges inherent to new ways of teaching. This text is classified as a descriptive research, with a qualitative approach that made use of theoretical references, document analysis and empirical data collection through experience reports. As a result, it is pointed out that it was necessary to break paradigms so that, through the actions of teachers, it was ensured that the educational process as a whole did not stagnate, as the pandemic came suddenly without sufficient time for content planning and methodologies based on already consolidated models.

**Keywords:** English language teaching. Teaching Practice. Covid-19.

---

**1** Especialista em Teorias e Metodologias da Educação Básica e Profissional, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3732014505209779>. ORCID: <https://orcid.org/my-orcid?orcid=0000-0002-3364-5951>. E-mail: palacerda83@gmail.com

**2** Doutora em Educação, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6932842326580345>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8293-033X>. E-mail: roberta.pasqualli@ifsc.edu.br

## Introdução

A educação, ao longo dos anos, vem sofrendo uma série de mudanças tanto no Brasil quanto no restante do mundo. Em alguns países existe a valorização da educação universal como elemento fundamental para o desenvolvimento de um ser humano integral. Independentemente da classe social ao qual os sujeitos pertençam, em países que adotam políticas de formação integral, considera-se que seus cidadãos contribuem de forma mais significativa com o desenvolvimento social e econômico de seu país.

No Brasil, apesar dos esforços empreendidos nas últimas décadas, desde a instituição da Lei nº 9.394 de 1996 (LDB), ainda é recorrente a ideia de que exista uma educação voltada para os filhos da classe dominante e, uma outra educação voltada para os filhos da classe trabalhadora. Nessa última, os sujeitos são formados para atender às necessidades imediatistas do mercado de trabalho sem que se atribua o devido valor aos aspectos da educação que permitem a formação de um sujeito capaz de compreender não somente o mercado, mas, sim, o mundo do trabalho ao qual ele pertence ou será inserido.

Neste sentido, quando se observa as características de uma parcela específica de grupos de estudantes e, neste caso, aqueles que tem acesso a cursos de idiomas em escolas especializadas, alguns fatores precisam ser levados em consideração já que, para Giroux em entrevista a Guilherme (2005), “aprender uma língua estrangeira é um empreendimento essencialmente humanístico, e não uma tarefa afecta às elites ou estritamente metodológica, e a força da sua importância deve decorrer da relevância da sua função afirmativa, emancipadora e democrática.” (GUILHERME, 2005, p.142).

Entre os fatores que precisam ser observados, considera-se como fundamental a elaboração de um diagnóstico educacional, visando um planejamento que, ao mesmo tempo não fuja da realidade material de cada estudante e, também, permita-o avançar em seus estudos. Como exemplos deste diagnóstico, pode-se destacar: a facilidade que cada estudante demonstra para assimilar os conteúdos de uma língua estrangeira, seu histórico de aprendizagem em relação à temática em estudo, bem como quais abordagens de ensino-aprendizagem são mais adequadas para a construção integral do conhecimento.

Tem-se clareza de que este diagnóstico é realizado ao longo do processo educacional, de forma que o professor vai ajustando a sua abordagem a medida que os estudantes vão sendo conhecidos, entretanto, diante da situação que o mundo se encontra, com a pandemia do COVID-19<sup>1</sup> ainda em curso e sem uma previsão minimamente segura de quando (e se) a vida voltará ao normal, os professores encaram uma realidade complexa para ajustar as necessidades educacionais dos estudantes ao ensino remoto, de modo a garantir êxito ao final do curso proposto.

Por isto, o presente texto apresenta e analisa o relato de experiência de um professor da Língua Inglesa que atua em uma escola de idiomas no município de Xanxerê, Santa Catarina, acerca das novas formas de ensinar à luz de pesquisas já apresentadas em artigos correlatos para melhor oportunizar reflexões e compreensão sobre o assunto.

Neste sentido, para Souza, Oliveira e Martins (2020),

A pertinência desta temática se dá pelo fato de que o contexto que envolve o cyber-ensino em um período pandêmico pode nunca ter sido imaginado por essa geração de docentes e discentes apesar dos meios tecnológicos como computadores, celulares, aplicativos já estarem disponíveis há muito tempo. (SOUSA, OLIVEIRA e MARTINS, 2020, p. 3).

Este estudo está organizado em 3 seções: inicia contextualizando a pesquisa, segue apresentando o percurso metodológico trilhado para sua elaboração e, revela os resultados e

1 O Covid-19 é uma infecção respiratória aguda causada pelo coronavírus SARS-CoV-2, potencialmente grave, de elevada transmissibilidade e de distribuição global. (BRASIL, 2020).

discussões oriundos das trocas entre a pesquisa empírica e a base teórica que subsidiou a construção do texto.

Por fim são anunciadas as considerações finais resultantes deste estudo e apresentadas as referências utilizadas.

## Metodologia

Considerando seu propósito, do ponto de vista de sua natureza, esta pesquisa é de tipo básica já que, de acordo com Gil (2008), objetiva gerar conhecimentos novos, úteis para o avanço da ciência sem aplicação prática prevista. Envolve verdades e interesses universais. Quanto à forma de abordagem, trata-se de uma pesquisa qualitativa que, de acordo com Minayo (2002), trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. Do ponto de vista dos seus objetivos, destaca-se a pesquisa exploratória e descritiva que buscou apresentar a temática, com vistas a torná-la mais compreensível, assim como uma descrição mais detalhada de suas características. (GIL, 2008).

A pesquisa bibliográfica, documental e de levantamento de dados deram corpo à pesquisa e, de forma especial o relato da experiência de um professor enfrentando os desafios impostos pela pandemia em curso para fomentar futuras discussões em torno do assunto com objetivo de sinalizar caminhos possíveis de serem implementadas. Ao longo do relato, estudos já existentes foram trazidos à tona como embasamento em abordagens específicas.

O professor cujo relato está sendo apresentado para a análise e discussão deste texto, identificado como Professor X, é Graduado em Engenharia de Produção (UGF/2010) e Ciências Aeronáuticas (UVA/2005), Especialista em Teorias e Metodologias da Educação Básica e Profissional (IFSC/2021), com dez anos de experiência em transporte público de massa (Rio de Janeiro) e atuando a dois anos como professor de Língua Inglesa em curso escola de idiomas em Xanxerê, SC. O relato foi coletado após 15 meses de docência com atividades remotas (março de 2020 até julho de 2021). Destaca-se que foram considerados os aspectos éticos da pesquisa com seres humanos com a legislação vigente de acordo com a Resolução nº 466/12 e a Resolução nº 510/16. (BRASIL, 2012; 2016).

## Relato e Análises da Prática

Antes de iniciarmos a apresentação do relato do Professor X e, conseqüentemente, as análises decorrentes deste relato, cabe destacar que todo o processo de desenvolvimento deste texto considera, em termos teóricos, a metodologia utilizada pela instituição de ensino investigada cuja propriedade intelectual pertence a *Oxford University Press*, detentora de materiais voltados ao ensino da Língua Inglesa. A metodologia Oxford foi criada por dois professores da Universidade de Oxford com o objetivo de propiciar que os estudantes aprendam inglês com a mesma qualidade da universidade sem que seja necessário ingressar em um intercâmbio para adquirir tal conhecimento. Basicamente, o método Oxford se constitui em: Língua + Motivação = Oportunidade, onde se trabalham as práticas da pronúncia, gramática e vocabulário estimulando, assim, o desenvolvimento das principais habilidades no aprendizado de uma língua estrangeira: escrever, falar, ler e escutar.

Diante do cenário de pandemia, uma solução para continuidade do ensino de forma remota se tornou urgente, ou seja, independente do que fosse proposto e implantado, seria em caráter emergencial.

Também, cabe destaque a compreensão de que o ensino remoto emergencial foi uma solução temporária de continuação de atividades pedagógicas tendo como principal ferramenta a *internet* e que não se pode confundir-lo com a Educação a Distância (EAD) já que, de acordo com Có, Amorim e Finardi (2020, p. 3), esta é “uma modalidade planejada com apoio de tutores e recursos tecnológicos específicos com funcionamento e concepção didático-pedagógica própria abrangendo conteúdos, atividades e o processo avaliativo discente bem como questões de didática docente.”

Por outro lado, não se deve perder de vista o que Castells, em seu artigo ‘O digital é o novo normal’ destaca, já que, para ele, este cenário de digitalização não terá retorno. O novo normal não

será como antes, mas uma nova realidade virtual e, “agora entramos totalmente em uma sociedade digital em que já vivíamos, mas que ainda não havíamos assumido” (CASTELLS, 2020, np).

É, então, com estas reflexões que se inicia a apresentação e análise dos dados da pesquisa, que estão apresentadas em 4 categorias a saber: (a) Entrevista para nivelamento do ingresso e início do curso; (b) Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação disponíveis e suas particularidades; (c) Desafios de adaptação; e, (d) Lições aprendidas.

## Entrevista para nivelamento do ingresso e início do curso

De acordo com o Professor X, atualmente, quando alguém deseja aprender uma Língua Estrangeira na escola cuja ação docente é registrada nessa pesquisa, é realizada uma entrevista de nivelamento com o futuro estudante (ou pais do estudante, dependendo de sua faixa etária) para entender quais são os objetivos do interessado e, então, apresentar as soluções disponíveis. Logo de início o Professor X identifica um ponto nevrálgico uma vez que, com a chegada da pandemia do COVID-19, estas entrevistas deixaram de acontecer ou passaram a ser feitas via *videoconferência* ou telefone. Esta nova prática, na percepção do Professor X, prejudicou muito a qualidade da observação das reais necessidades desse futuro estudante. Para o Professor X, “percebe-se, a partir das experiências vivenciadas, que os estudantes ou seus representantes não se sentem à vontade o suficiente para, de fato, expor de maneira clara, os seus objetivos de maneira remota.”

Após a entrevista de nivelamento do estudante, inicia-se a rotina de encontros que, atualmente, ocorrem de forma remota. A primeira etapa é a apresentação do estudante ao grupo no qual está ingressando e, conseqüentemente, o seu processo de integração. Para o Professor X, observou uma perda didático-pedagógica com a migração do ensino presencial para o ensino remoto já que, de acordo com o relato “os estudantes, na sua grande maioria, não deixam suas câmeras ligadas durante as aulas, ficando apenas o professor visível aos estudantes e os microfones não sendo ligados à medida que é necessário interagir de alguma forma na aula.”. (PROFESSOR X).

Considerando que apenas o professor permanece com a câmera ligada, sem conseguir ver as reações corporais dos estudantes, torna-se muito difícil fazer uma leitura empírica que verifique se a abordagem praticada está, de fato, sendo efetiva para o aprendizado do grupo. Além disso, para o estudante que está chegando no grupo, a depender do seu perfil comportamental, esta forma de ensino pode ser algo maçante ou, mesmo, penosa com o passar do tempo, o que acarreta em desmotivação para continuidade no processo de aprendizagem.

Nesta direção, para Camas *et al.* (2013),

[...] o uso das tecnologias digitais aumenta o número de informações disponíveis e novas formas de comunicação podem ser introduzidas no sistema escolar. Entretanto, a qualidade desta comunicação e a transposição das informações em conhecimento são dependentes da mediação feita pelo professor das metodologias dialogadas pelas instituições educacionais (professores, gestores, alunos e comunidades pertencentes à escola) na realização desta nova forma de fazer educação (CAMAS *et al.*, 2013, p.13).

Mesmo considerando que os jovens estão acostumados com a utilização das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDICs), para o Professor X, é notável que há uma perda na aprendizagem do conteúdo geral, acarretando um resultado de menor qualidade quando comparado ao ensino presencial.

## Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação disponíveis e suas particularidades

Antes mesmo do início da pandemia do COVID-19 já era possível fazer um curso de idiomas de forma *on-line* porém, era uma escolha que os estudantes faziam em função do seu perfil e necessidades. Neste sentido, já havia demanda por cursos de línguas *on-line*, entretanto as razões pelas quais as pessoas buscavam esse tipo de plataforma eram outras como, por exemplo, a falta de tempo para se deslocar até uma escola de idiomas, o custo reduzido, a distância da residência até a escola mais próxima, etc.

Considerando, primeiramente, o ensino presencial no curso de idiomas em foco, as tecnologias utilizadas, além dos livros didáticos, são as plataformas *on-line*. Nelas, os estudantes realizam atividades complementares relacionadas aos conteúdos trabalhados em sala de aula, de forma que o professor tenha acesso a todo o material feito pelos estudantes e, então, possa avaliar se há necessidade de reforço em algum ponto do conteúdo programático da turma. Outra tecnologia utilizada com os grupos presenciais são as plataformas de *streaming* que trazem conteúdos complementares e com caráter mais dinâmico para prática da escuta e compreensão da língua.

Já, para os grupos conduzidos de forma 100% *on-line*, são utilizados *softwares* de conferência como *Skype*, *Zoom* e *Google Meet* com o objetivo de estabelecer o encontro periódico do grupo e ministrar o conteúdo programático. Porém, este grupo também utiliza as ferramentas disponibilizadas por meio de plataforma *on-line* para realização de atividades complementares, bem como o uso das plataformas *streaming*.

Considerando o ensino presencial e o ensino *on-line*, pode parecer que a adaptação para o ensino remoto não sofreu diferenças significativas quanto ao resultado final porém, não é o que tem sido observado na condução das aulas.

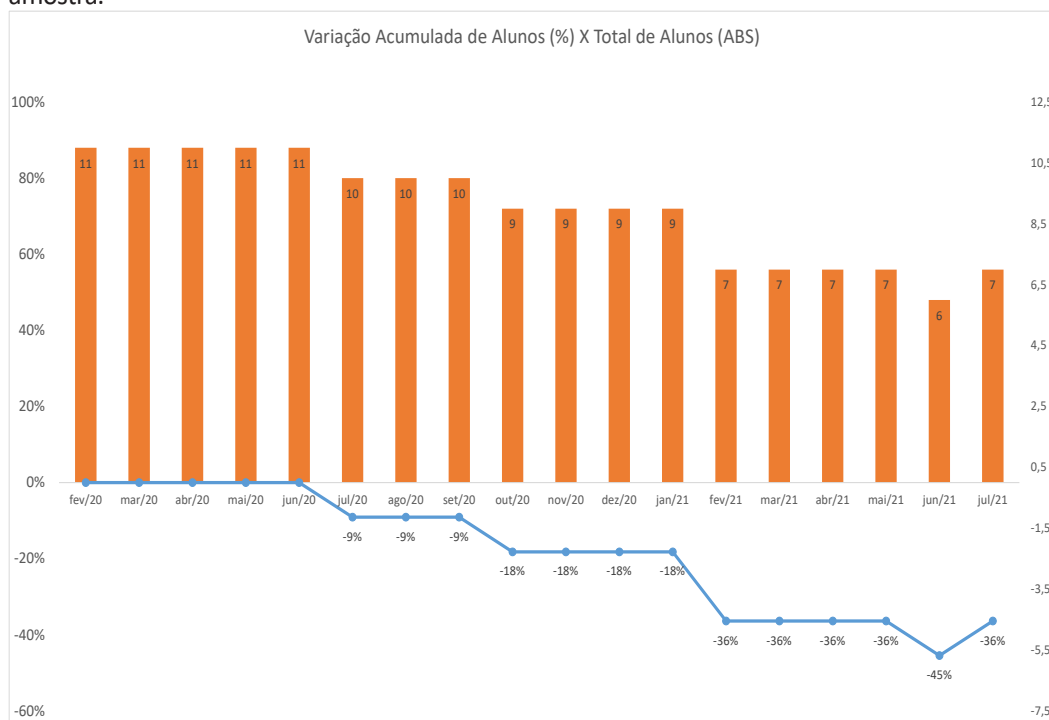
Para o Professor X,

grande parte dos grupos contidos no universo de observação desta pesquisa demonstraram desmotivação, falta de interesse e queda no rendimento quando houve migração compulsória do método presencial para o *on-line*, embora alguma melhora também tenha sido observada após período aproximado de seis meses de aulas no novo formato, o que pode ser chamado de curva de aprendizado em novo método de ensino. (PROFESSOR X).

Como justificativa desta melhora, destaca-se Leite (2002, p. 23) quando afirma que “as curvas de aprendizagem analisam um fenômeno bem conhecido e facilmente observado: seres humanos ficam crescentemente eficientes com a experiência.”

Em pesquisa empírica realizada pelo Professor X com dados das turmas em que ministra aulas, houve evasão acumulada de até 40% dos estudantes após o início da pandemia. O gráfico 01 demonstra a variação de estudantes ao longo do tempo de pandemia.

**Gráfico 01.** Variação de estudantes em percentual x o total de estudantes contidos na amostra.



Fonte: Dados da pesquisa (2020-2021).

Destaca-se que motivos apresentados no momento da solicitação de desistência foram basicamente: motivos financeiros (43%) e falta de tempo para frequentar as aulas (57%), valendo ressaltar que este segundo motivo pode ser interpretado como desmotivação, uma vez que os estudantes já possuíam compromisso com aquele dia e horário de aulas e acabaram por preferir preencher aquele período do dia com outra atividade.

Nesta direção, Moran, desde 2007 afirma que,

[...] há uma expectativa de que as novas tecnologias nos trarão soluções rápidas para o ensino. Sem dúvida as tecnologias nos permitem ampliar o conceito de aula, de espaço e tempo, de comunicação audiovisual, e estabelecer pontes novas entre o presencial e o virtual, entre o estarmos juntos e o estarmos conectados a distância. Mas, se ensinar dependesse só de tecnologias, já teríamos achado as melhores soluções há muito tempo. Elas são importantes, mas não resolvem as questões de fundo. Ensinar e aprender são os desafios maiores que enfrentamos em todas as épocas e particularmente agora em que estamos pressionados pela transição do modelo de gestão industrial para o da informação e do conhecimento (MORAN, 2007, p.12).

## Desafios de adaptação

No momento em que a pandemia do COVID-19 se fez presente e obrigou todas as redes de ensino a interromperem as aulas presenciais, foi necessário encontrar soluções para que as atividades pudessem continuar sem que houvesse o contato físico entre os estudantes e os professores.

Acerca disto Ribeiro (2018) afirma:

As tecnologias nos ajudam ou nos permitem fazer coisas que talvez fossem mais difíceis ou mesmo impossíveis sem elas. No caso da educação, podem permitir ensinar melhor e-mais eficazmente; ou podem favorecer o aprendizado de forma mais fácil ou mais eficiente.[...] No entanto, é necessário ajustar as tecnologias aos propósitos, para essa integração fazer realmente sentido e ser prolífica. (RIBEIRO, 2018, p. 73).

Embora a *internet* seja um meio de comunicação largamente difundido e utilizado por boa parte das pessoas ao redor do mundo, inclusive para educação, algumas barreiras foram encontradas no sentido de se conseguir boa aderência dos estudantes no que diz respeito a frequência nas aulas *on-line*:

No quadro 1, são apresentados alguns desafios apresentados pelo Professor X com relação a frequência da aula *on-line*.

**Quadro 1.** Desafios da frequência na aula *on-line* em tempos de pandemia.

Desafio	Descrição
Indisponibilidade de dispositivos	Nem todas as pessoas têm condições financeiras para adquirir um dispositivo compatível com aulas <i>on-line</i> , já que este utiliza transmissão de áudio e vídeo em tempo real. Além disso, ainda que seja possível adquirir um equipamento por família, caso esta possua mais de um estudante, apenas um dispositivo não seria suficiente para atender a demanda de estudos e acompanhamento das aulas.
Indisponibilidade de sinal de internet	Assim como a dificuldade em obter um dispositivo adequado, existe também a dificuldade na obtenção de sinal de <i>internet</i> com qualidade minimamente satisfatória, seja por questões financeiras em função do alto custo e falta de subsídio do estado, seja por questões geográficas, uma vez que alguns locais mais afastados dos grandes centros possuem sinal de celular e <i>internet</i> precários, o que praticamente inviabiliza o acompanhamento de uma aula sendo transmitida em tempo real via plataforma <i>on-line</i> .
Falta de conhecimento das ferramentas disponíveis	Ainda que os estudantes consigam tanto um dispositivo compatível como um bom sinal de <i>internet</i> , ainda existe a lacuna tecnológica. Os estudantes precisarão se adaptar as plataformas <i>on-line</i> geralmente utilizadas para a EAD, coisa que a grande maioria da população acadêmica ainda não domina. Esta barreira se mostrou de forma mais predominante no universo de ensino fundamental e médio, uma vez que o nível superior já apresentava alternativas de EAD em grande parte das universidades do Brasil.

**Fonte:** Professor X (2021).

Na representação do Professor X, além das barreiras tecnológicas, existe um ponto de extrema importância que se impõe. Mesmo que toda a população de estudantes conseguisse obter seus dispositivos, sinal de *internet* e já estivessem familiarizados com as ferramentas utilizadas ainda, assim seria necessário a operacionalização de um conteúdo planejado para ser aplicado de forma presencial em formato de ensino remoto. Quando um professor faz o planejamento do conteúdo programático a ser aplicado ao longo de um ano/semestre/bimestre, o formato de ensino - presencial ou a distância, é determinante para o desenvolvimento de atividades que melhorem a aprendizagem dos estudantes ao longo do curso. Caso esse planejamento precise ser alterado de forma intempestiva (como foi necessário), acredita-se que ocorre um comprometimento dos processos de ensinar e aprender.

Sobre isto, destaca-se que “[...] a incorporação das tecnologias digitais no planejamento docente requer objetivos educacionais bastante claros, de tal forma que a escolha de determinadas tecnologias seja decorrente de um processo de apropriação crítica.” (GOEDERT, ARNDT, 2020, p. 117).

Fatalmente atividades não serão possíveis de ser desenvolvidas com os estudantes e precisarão, portanto, ser substituídas por outras similares, que foram preparadas em cima da hora

e, conseqüentemente, com qualidade reduzida em função do prazo curto a ser cumprido.

Dentro do universo de ensino da Língua Inglesa em curso de idiomas, esta realidade não foi diferente, embora o público em questão não tenha grandes dificuldades em obter dispositivos e sinal de *internet* para acompanhamento das aulas. Os materiais e planejamentos das aulas foram elaborados considerando os encontros de forma presencial, ou seja, atividades que normalmente seriam praticadas em sala de aula, muitas vezes não são viáveis no ensino remoto, como, por exemplo:

[...] para um estudante exercitar sua capacidade de elaboração de frases e continuidade no processo de conversação em inglês, não basta o estímulo de fala, mas também da linguagem corporal, que fica extremamente comprometida quando este tipo de atividade é feita de forma *on-line*. Sem contar, é claro, que para o professor fica muito mais difícil ‘sentir’ a turma, ou seja, identificar ao longo das aulas os estudantes que estão com mais dificuldades em determinados assuntos ou até de perceber se o conteúdo está sendo aprendido de forma satisfatória. Até porque, pelo menos no universo inserido neste relato, a grande maioria dos estudantes não mantém suas câmeras ligadas durante as aulas, ficando apenas o professor sendo assistidos por eles, fazendo com que o único e exclusivo retorno que o professor tenha deles seja a resposta para a famosa pergunta: Alguma dúvida? Todos entenderam? O que muitas vezes é considerada respondida pelo silêncio dos estudantes, ou seja, se ninguém disse que tem dúvidas significa que todos entenderam. (PROFESSOR X).

Ainda, para o Professor X, “a atuação do professor vai muito além disso, de forma que é possível identificar a dificuldade dos estudantes até mesmo pelas suas características corporais, o que fica praticamente impossível com este formato de ensino remoto.”

Silveira *et al.* (2020) apontam algumas questões que devem fazer parte das reflexões e, quiça, também auxiliar na justificativa para as percepções do Professor X. Para eles,

o ensino remoto, devido à pandemia da COVID-19, está sendo aplicado como forma emergencial, para dar conta de uma situação até então inesperada, ou seja, os Projetos Pedagógicos das Instituições de Ensino e de seus respectivos cursos não foram construídos para dar conta da modalidade de EaD, a fim de estruturar o currículo e os processos de ensino e de aprendizagem nesta modalidade diferenciada. Desta forma, os professores estão apenas utilizando as TDICs como meio, mantendo as mesmas metodologias de ensino utilizadas no ensino presencial, baseadas, quase que em sua totalidade, na transmissão de conhecimentos, por meio de aulas expositivas e exercícios para fixação do conteúdo. (SILVEIRA *et al.*, 2020, p. 38).

Por fim, mas não menos importante, o Professor X destaca a dificuldade de compreensão da pronúncia das palavras em língua inglesa, já que muitas palavras são pronunciadas de forma totalmente diferente das em ditas em língua portuguesa e a leitura labial é fundamental para compreender como determinadas palavras ou sílabas são pronunciadas. Obviamente este ponto não é tão crítico, já que pela câmera o professor pode mostrar como uma determinada palavra deve ser pronunciada porém, a eficiência é nitidamente menor, tendo o docente que repetir mais vezes do que o usual por variações no sinal de áudio ou vídeo.



## Lições aprendidas

O Professor X destacou que, durante os 15 meses de docência por meio de atividades remotas, pode identificar algumas lições e, entre elas, destacam-se:

**Quadro 2.** Lições Aprendidas.

Lição	Descrição
Melhoria de processos pelo exemplo	Diante de tamanho desafio aos professores e estudantes para que o ensino seja satisfatório em momentos como o apresentado, dar o exemplo costuma funcionar bastante, por exemplo, não funciona pedir que os estudantes mantenham suas câmeras ligadas durante toda a aula sem fazer, no mínimo, o mesmo; assim como pedir que não utilizem outros dispositivos durante as aulas e não seguir a mesma regra.
Maior flexibilidade sem ser negligente	Como este formato é novo para todos, uma dose extra de flexibilidade nos processos pode ser consideravelmente benéfico ao grupo, de forma a evitar a desmotivação dos estudantes e conseqüentemente o abandono do curso. Por exemplo, o tempo disponibilizado para realização de determinadas atividades pode ser aumentado ou reduzido em função do ritmo da turma, bem como maior flexibilidade nas datas de entrega de trabalhos ou atividades avaliativas, entretanto este processo precisa ser feito de forma estratégica, para que não se confunda flexibilidade com negligência.
Busca constante em alternativas de atuação	A importância de estar sempre atualizado não é novidade para ninguém, porém se tornou ainda mais relevante em momentos como o atual, onde plataformas <i>on-line</i> para ensino estão sendo sempre aprimoradas e desenvolvidas com o intuito de melhorar a experiência tanto dos estudantes como dos professores. É extremamente recomendável que se busque constantemente ferramentas e plataformas que melhor se adéquem as necessidades do professor e dos estudantes
Ajuste de abordagem conforme características do grupo	Cada turma de estudantes possui suas próprias características de aprendizado, o que demanda ajuste do professor para melhorar a aprendizagem do grupo, entretanto este ajuste se fez ainda mais necessário e crítico quando as aulas passaram a ser ministradas <i>on-line</i> , de modo que não apenas a abordagem escolhida precisa de ajustes, mas também as ferramentas envolvidas no processo. Obviamente este tipo de situação se faz presente quando a forma de ensino é alterada por motivos de força maior e conseqüentemente sem tempo mínimo para planejamento das mudanças, ou seja, a tendência é que com o passar do tempo, tais iniciativas sejam propostas de forma mais estruturada e planejada, diminuindo assim as chances de erro estratégico.

**Fonte:** Professor X (2021).

Contribuindo com o Professor X temos Nobre (2021, p.14), que destaca que “o confinamento, as medidas de distanciamento e a desordem provocada pelo digital, tanto na comunicação pessoal como profissional, evidenciou que o ser humano é um ser de relações.” e que “[...] o ensino-aprendizagem digital tem o seu lugar, mas não pode ocupar o espaço todo: deve responder a necessidades reais de acessibilidade e a critérios ligados às necessidades escolares e pedagógicas.”.

Para finalizar, destaca-se Denardi, Marcos e Stankoski (2021) quando estes afirmam que:

Neste período em que o mundo todo pensa em como será o “novo normal”, pode-se esperar que haja o que Selwyn e Jandrić (2020, p. 14) chamam de “aceleração de lógicas pré-existentes”, quando práticas que vinham sendo discutidas há anos, como o ensino personalizado, o ensino híbrido, a sala de aula invertida e demais metodologias ativas, se tornam mais rapidamente incorporadas. Afinal, um novo cenário mundial requer atualização e mudanças em tempo recorde em todas as áreas de atuação humana. Na educação, não poderia ser

diferente. (DENARDI, MARCOS e STANKOSKI, 2021, p. 141).

Na sequência são apresentadas algumas considerações acerca da pesquisa apresentada.

## Considerações Finais

Com base na experiência observacional em questão, foi possível atribuir grande impacto negativo na qualidade da educação geral com a chegada da pandemia do COVID-19 no Brasil. Esse período de provações evidenciou, fortemente, a importância dos professores como sujeitos que, apesar da ineficiência governamental de promover ações que dessem conta de minimizar os impactos da pandemia na educação com medidas viáveis e efetivas de no que diz respeito a continuidade do ensino no Brasil com segurança sanitária, não se deixaram abalar e se reinventaram a cada dia em um contexto de crise jamais vivenciado.

Olhando para o ensino da língua inglesa, foi possível observar queda na procura por este tipo de ensino, bem como abandono significativo em função, principalmente, da falta de recursos financeiros dos estudantes para pagar as aulas, bem como da sensação de precarização do ensino por ter se tornado compulsório o uso de plataformas *on-line*, ou seja, aqueles estudantes que tem facilidade para aprender por meio de aulas a distância não sentiram muito a mudança, enquanto aqueles que tinham as aulas presenciais como única forma possível de aprender, simplesmente sentiram o peso da precarização e, por sua vez, foram tomados pela desmotivação e conseqüentemente optaram pelo abandono.

Naturalmente este cenário vem mudando para melhor, já que com o tempo as equipes foram adquirindo conhecimento e experiência que levaram a busca de alternativas e soluções mais eficazes quando este tipo de situação se apresenta. Sem dúvidas as instituições de ensino em geral, bem como seus estudantes, estarão mais preparados para acontecimentos semelhantes no futuro, já que de acordo com os cientistas de todo o mundo as mudanças climáticas já estão acontecendo e gerando uma série de efeitos colaterais que impactam direta ou indiretamente a vida das populações.

## Referências

BRASIL, **Resolução nº 466**, de 12 de dezembro de 2012. Disponível em: <https://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2012/Reso466.pdf>. Acesso em: 22 out. 2021.

BRASIL, **Resolução nº 510/16**, de 10 de abril de 2016. Disponível em: <https://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2012/Reso466.pdf>. Acesso em: 22 out. 2021.

BRASIL. Ministério da Saúde. **O que é a COVID-19?** (2020) Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/coronavirus/o-que-e-o-coronavirus>. Acesso em: 10 ago. 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. **Lei nº 9.394, de 20 de Dezembro de 1996**. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l9394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm). Acesso em: 27 out. 2021.

CASTELLS, Manuel. **O digital é o novo normal**. Disponível em: <https://www.fronteiras.com/artigos/o-digital-e-o-novo-normal?fbclid=IwAR1iTxx5DuuOwpo4CFM3a6leCsfk5GLOZ6CpGxbl6gjZSaicpLLvIOHng>, acesso em 01/06/2020. Acesso em: 21 out. 2021.

CAMAS, Nuria; MANDAJA, Mônica; RIBEIRO, Renata; MENGALLI, Neli. Professor e cultura digital: reflexão teórica acerca dos novos desafios na ação formadora para nosso século. **Revista Reflexão e Ação**, Santa Cruz do Sul, v.21, n.2, p.179-198, jul./dez. 2013. Disponível em <https://online.unisc.br/seer/index.php/reflex/article/view/3834>. Acesso em 01 jun. 2021.

CÓ, Elisa Prado; AMORIM, Gabriel Brito; FINARDI, Kyria Rebeca. Ensino de línguas em tempos de pandemia: experiências com tecnologias em ambientes virtuais. **Revista Docência e Ciberultura**, [S.l.], v. 4, n. 3, p. 112-140, dez. 2020. ISSN 2594-9004. Disponível em: <https://>

[www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/re-doc/article/view/53173](http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/re-doc/article/view/53173). Acesso em: 27 out. 2021.

DENARDI, Didiê; MARCOS, Raquel Amoroginski; STANKOSKI, Camila Ribas. Mídias digitais nas aulas de língua inglesa: impactos da pandemia Covid-19. **Ilha do Desterro** v. 74, n. 3, p. 113-143, Florianópolis, set/dez 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/desterro/article/view/80733>. Acesso em: 28 out. 2021.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 2008.

GOEDERT, Lidiane; ARNDT, Klalter Bez Fontana. Mediação pedagógica e educação mediada por tecnologias digitais em tempos de pandemia. **Criar Educação**, Criciúma, v. 9, nº 2, Edição Especial 2020. Disponível em: <http://periodicos.unesc.net/criaredu/article/view/6051/5402>. Acesso em: 28 out. 2021.

GUILHERME, M. Qual o papel da pedagogia crítica nos estudos de língua e de cultura? Entrevista com Henry A. Giroux. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, v.73, p.131-143, dez. 2005. Disponível em: <https://journals.openedition.org/rccs/962>. Acesso em: 28 out. 2021.

LEITE, Madalena Osório. A utilização das curvas de aprendizagem no planejamento da construção civil (2002). **Dissertação de Mestrado**. Universidade Federal de Santa Catarina. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/83416?show=full>. Acesso em: 27 out. 2021.

MARTINS, Vivian; ALMEIDA, Joelma. Educação em tempos de pandemia no Brasil: saberes fazeres escolares em exposição nas redes. **Revista Docência e Cibercultura**, [S.l.], v. 4, n. 2, p. 215-224, ago. 2020. ISSN 2594-9004. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/re-doc/article/view/51026>. Acesso em: 27 out. 2021.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social**. Teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 2002.

MORAN, José Manuel. **A educação que desejamos**: Novos desafios e como chegar lá. São Paulo: Papirus, 2007.

NOBRE, Ana. Explorando desafios pedagógicos digitais no ensino profissional durante a pandemia da COVID-19. **EmRede**, v. 8, n. 1, p. 1-16, jan./jun. 2021. Disponível em: <https://www.aunireded.org.br/revista/index.php/emrede/article/view/732>. Acesso em: 28 out. 2021.

RIBEIRO, Ana Elisa. **Escrever, hoje**: Palavra, imagem e tecnologias digitais na educação. São Paulo: Parábola, 2018.

SANTOS, Gilberto Lacerda dos. Ensinar e aprender no meio virtual: rompendo paradigmas. Universidade de Brasília. **Revista Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.37,n.2. 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/fySbbzj98nSN4pTFTx7X3sd/?lang=pt> Acesso em: 27 out. 2021.

SILVEIRA, Sidnei Renato et al. O Papel dos licenciados em computação no apoio ao ensino remoto em tempos de isolamento social devido à pandemia da COVID-19. **Série Educar-Prática Docente**, vol. 40, 2020.

SOUSA, Carlos Henrique Andrade de; OLIVEIRA, Francisco Thiago Chaves de; MARTINS, Elcimar Simão. Ensino de língua inglesa e cultura digital em tempos de pandemia: o desafio de superar o curto espaço de tempo entre o dito e o vivido. **Revista Docência e Cibercultura**, [S.l.], v. 4, n. 3, p. 141-160, dez. 2020. ISSN 2594-9004. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/re-doc/article/view/53901>. Acesso em: 27 out. 2021.